



PRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM RECIFE-PE: REVISÃO SISTEMÁTICA

Marcio Allan da Silva Ferreira¹

Roberto Luiz Frota de Menezes Vasconcelos²

¹Centro Universitário Maurício de Nassau, Recife, Brasil (marcioallan901@gmail.com)

²Centro Universitário Maurício de Nassau, Recife, Brasil (roberto.menezes@ufpe.br)

Resumo: Este estudo sistematiza as práticas de educação ambiental mais recorrentes em Recife-PE por meio de revisão de publicações científicas e documentos institucionais de 2015 a 2026. Dezoito registros foram analisados por categorização temática. Predominaram metodologias participativas, ações sobre resíduos, vivências em ecossistemas urbanos, arborização/agroecologia e educação climática. Conclui-se que há avanço na contextualização territorial, mas faltam continuidade e avaliação de impactos.

Palavras-chave: Educação ambiental; Recife; práticas pedagógicas; sustentabilidade urbana; revisão sistemática

INTRODUÇÃO

A educação ambiental (EA) constitui processo permanente de construção de valores, conhecimentos, habilidades e atitudes voltados à conservação ambiental e à participação social, devendo ocorrer de forma articulada nos espaços formais e não formais de ensino (Brasil, 1999). Em Recife, essa perspectiva assume caráter especialmente territorial: a cidade reúne manguezais, rios, canais, lagoas, áreas verdes e bairros densamente urbanizados, nos quais problemas de resíduos, perda de biodiversidade, alagamentos e desigualdades socioambientais se manifestam no cotidiano.

A produção local mostra que as práticas escolares e comunitárias se organizaram, inicialmente, em torno da gestão de resíduos, da sensibilização sobre o manguezal e da mobilização comunitária. Estudos em escolas públicas e comunidades recifenses registram oficinas, projetos interdisciplinares, saídas de campo, separação de resíduos, registros fotográficos, grafite ambiental e elaboração de materiais pedagógicos (Aguiar e Maia, 2015; Barbosa, 2015; Ferreira, 2016; Santos, 2019; Silva, 2022). Mais recentemente, a agenda municipal incorporou com maior intensidade educação climática, arborização, agroecologia, soluções baseadas na natureza e protagonismo juvenil (Recife, 2024a; Recife, 2025b; Recife, 2026).

Apesar da variedade de iniciativas, ainda é necessário distinguir ações recorrentes de eventos isolados e compreender quais abordagens possuem maior potencial de continuidade. Assim, este trabalho objetivou identificar, classificar e discutir as práticas contemporâneas de EA mais frequentes em Recife-PE, considerando publicações científicas e documentos institucionais, bem como apontar avanços, limites e recomendações para sua consolidação.

MATERIAL E MÉTODOS

Realizou-se revisão sistemática qualitativa, orientada pelas recomendações do PRISMA 2020 (Page et al., 2021). A inclusão de literatura cinzenta foi deliberada, pois programas municipais, produtos educacionais e experiências comunitárias nem sempre são publicados em periódicos, embora constituam parte relevante da prática ambiental local.

As buscas foram concluídas em julho de 2026 nas bases SciELO, Google Acadêmico, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações/OasisBR, repositórios da UFPE, UFRPE e IFPE e portais oficiais da Prefeitura do Recife. Utilizaram-se combinações dos descritores “educação ambiental”, “Recife”, “escola”, “comunidade”, “resíduos sólidos”, “manguezal”, “mudanças climáticas”, “arborização”, “horta” e “agroecologia”. Foram incluídos textos em português, publicados entre 2015 e 2026, com acesso integral e descrição de prática, programa ou estratégia executada no município. Excluíram-se duplicatas, estudos apenas

conceituais, documentos sem descrição metodológica mínima e experiências realizadas exclusivamente fora de Recife.

A triagem ocorreu por título/resumo e, depois, por leitura integral. Dezoito registros compuseram a síntese. Para cada documento, extraíram-se ano, espaço de realização, público, tema, metodologia, parceiros, produtos e forma de avaliação. Os achados foram submetidos à análise temática; um mesmo registro pôde receber mais de um código, razão pela qual as frequências não são mutuamente excludentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O corpus abrangeu escolas municipais e estaduais, comunidades, ecomúcleos, museu, espaços verdes, cursos de formação e programas juvenis. A Tabela 1 apresenta os seis eixos identificados. A predominância de metodologias participativas e interdisciplinares indica que a EA recifense mais consistente se distancia da palestra isolada: envolve investigação de problemas reais, oficinas, projetos, formação de multiplicadores, intervenções no território e socialização pública dos resultados.

Tabela 1. Práticas de educação ambiental recorrentes no corpus (n = 18).

Prática/eixo - n (%)	Exemplos recorrentes
Participação e interdisciplinaridade - 15 (83)	Oficinas, projetos, pesquisa-ação e grupos multiplicadores.
Resíduos e consumo - 10 (56)	Coleta seletiva, PEVs, logística reversa e consumo responsável.
Vivências territoriais - 9 (50)	Manguezais, lagoas, rios, áreas verdes, museu e comunidade.
Arborização e agroecologia - 7 (39)	Plantio, hortas, viveiros, restauração e cuidado de áreas verdes.
Clima e resiliência urbana - 6 (33)	Cursos, monitoramento, água, riscos e projetos juvenis.
Educomunicação, arte e cultura - 6 (33)	Teatro, grafite, fotografia, vídeos, exposições e festivais.

O eixo de resíduos e consumo permaneceu como o conteúdo específico mais recorrente. Nas escolas, as práticas incluem diagnóstico da geração, separação de recicláveis, instalação ou uso de Pontos de Entrega Voluntária e formação de professores e estudantes multiplicadores. O projeto Reciclando Saberes agregou oficinas sobre legislação, logística reversa, consumo sustentável e direitos dos catadores, defendendo abordagem crítica e transdisciplinar (Aguiar e Maia, 2015). Essa ampliação é importante porque ações restritas à reutilização de materiais podem individualizar responsabilidades e pouco discutir padrões de produção e consumo. O Programa Recife Limpa nas Escolas reforça a conexão entre educação, coleta seletiva e destinação a cooperativas, aproximando aprendizagem, serviço urbano e inclusão socioproductiva (Recife, 2025c).

As vivências territoriais constituíram o segundo núcleo mais expressivo. Manguezais, lagoas, cursos d’água, parques, jardins e o próprio bairro foram empregados como espaços de investigação.



Em escolas próximas a manguezais, Santos (2019) identificou a necessidade de apoiar os docentes com materiais que relacionem o conteúdo escolar ao ecossistema vivido. O Ecnúcleo da Lagoa do Araçá combinou história da mobilização comunitária, atividades lúdicas, coleta seletiva e plantio de espécies, enquanto o projeto Recife Águas e Clima aproximou estudantes dos corpos hídricos urbanos e de seus impactos (Recife, 2024a; Recife, 2025a). Esse tipo de prática favorece pertencimento e leitura crítica da paisagem, sobretudo quando a visita é antecedida por problematização e seguida de intervenção ou comunicação dos resultados.

A arborização, as hortas e a agroecologia aparecem como práticas em crescimento. As experiências incluem plantio de mudas, recuperação de pontos degradados, viveiros de espécies nativas, observação da biodiversidade e uso de hortas como ambientes interdisciplinares. Silva (2022) mostrou que arborização e grafite ambiental podem atuar conjuntamente na transformação de pontos críticos, desde que articulados a parcerias entre escolas, comunidades e instituições. Em 2026, projetos da rede municipal reconhecidos em iniciativa do UNICEF integraram clima, natureza, horta, tecnologia, água e resíduos, indicando consolidação de uma educação baseada na natureza (Recife, 2026).

A educação climática foi a tendência emergente mais evidente a partir de 2024. Cursos para profissionais da educação, projetos sobre águas urbanas e o Edital Jovens no Clima deslocaram parte das ações de uma sensibilização genérica para temas como risco, adaptação, justiça climática, monitoramento e solução local. O edital selecionou propostas conduzidas por jovens sobre arte e clima, rios, plantio, reciclagem, comunicação e orientação territorial, demonstrando que protagonismo juvenil e financiamento de microproyectos ampliam a passagem do conhecimento à ação (Recife, 2024b; Recife, 2025b).

Educomunicação, arte e cultura também atravessaram os eixos anteriores. Grafite, fotografia de antes e depois, teatro, personagens, vídeos, feiras e exposições tornam visíveis os problemas e os resultados das intervenções. Museus podem ampliar essa abordagem: no Instituto Ricardo Brennand, obras de arte permitem discutir vegetação, fauna, água, solo e agricultura, desde que exista planejamento pedagógico e mediação intencional (Marinho, 2022). Nas comunidades, oficinas lúdicas, caminhadas pelo bairro e ações porta a porta fortaleceram o diálogo com públicos diversos (Ferreira, 2016).

Os documentos, entretanto, revelam quatro fragilidades. Primeiro, diversas ações são concentradas em semanas temáticas e dependem de equipes ou parcerias específicas. Segundo, predominam registros de participação e produtos, com pouca avaliação longitudinal de aprendizagem, mudança de comportamento ou melhoria ambiental. Terceiro, a integração ao Projeto Político-Pedagógico e ao currículo ainda é desigual; Barbosa (2015) recomendou institucionalização por meio da Agenda 21 Escolar. Quarto, a formação docente precisa combinar domínio conceitual, metodologias participativas e leitura das desigualdades territoriais. Recomenda-se, portanto, planejar ciclos anuais, estabelecer linha de base e indicadores, documentar resultados, garantir devolutivas às comunidades e articular escola, universidade, gestão pública, cooperativas e organizações locais.

CONCLUSÃO

As práticas contemporâneas de educação ambiental mais recorrentes em Recife são participativas e interdisciplinares, com destaque para resíduos e consumo, vivências em ecossistemas urbanos, arborização/agroecologia, educação climática e educomunicação. A principal mudança recente é a incorporação de clima, resiliência urbana, protagonismo juvenil e educação baseada na natureza, sem abandono dos temas tradicionais de resíduos e manguezais.

O potencial formativo aumenta quando a atividade parte de um problema do território, envolve investigação e intervenção e retorna à comunidade como produto ou ação. Para superar a condição de evento pontual, as iniciativas devem ser incorporadas ao currículo e ao planejamento institucional, apoiadas por formação continuada e avaliadas com indicadores de processo, aprendizagem, participação e resultado socioambiental.

AGRADECIMENTOS

À UNINASSAU pelo incentivo a pesquisa.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. J.; MAIA, F. J. F. O papel da educação ambiental na Política Nacional de Resíduos Sólidos: reflexões a partir de uma experiência em escolas públicas. Anais do II Congresso Nacional de Educação, Campina Grande, 2015.

BARBOSA, E. N. O processo de formação socioambiental da Escola Estadual de Referência Professor Alfredo Freyre - Recife-PE-Brasil: um olhar ecopedagógico sobre resíduos sólidos. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Ambiental), Instituto Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília, 1999.

FERREIRA, T. M. Ações sociais para transformações socioambientais na comunidade Sonho Meu, Recife, Pernambuco, Brasil. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Ambiental), Instituto Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

MARINHO, P. H. M. O museu como estratégia de educação ambiental: um estudo do Instituto Ricardo Brennand. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Gestão Ambiental), Instituto Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

PAGE, M. J. et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. BMJ, v. 372, n. 71, 2021.

RECIFE. Prefeitura do Recife. Programa Educar para uma Cidade Sustentável. Recife, 2019.

RECIFE. Prefeitura do Recife. Prefeitura do Recife inaugura Ecnúcleo dedicado à educação ambiental na Lagoa do Araçá. Recife, 2024a.

RECIFE. Prefeitura do Recife. Prefeitura do Recife oferece curso gratuito sobre mudanças climáticas para profissionais da educação. Recife, 2024b.

RECIFE. Prefeitura do Recife. Prefeitura lança projeto de educação ambiental em escolas municipais: Recife Águas e Clima. Recife, 2025a.

RECIFE. Prefeitura do Recife. Resultado do Edital Jovens no Clima 2025. Diário Oficial do Recife, ed. 53, 29 abr. 2025b.

RECIFE. Prefeitura do Recife. Programa Recife Limpa nas Escolas. Recife, 2025c.

RECIFE. Secretaria de Educação. Rede Municipal do Recife se destaca no Brasil com projetos premiados pelo UNICEF sobre clima e natureza. Recife, 2026.

SANTOS, I. M. G. Manguezal como espaço de teoria e práticas de educação ambiental. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Ambiental), Instituto Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

SILVA, L. B. Um novo olhar sobre as ações de educação ambiental em pontos críticos de controle de resíduos sólidos em comunidades do Recife-Pernambuco. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Ambiental), Instituto Federal de Pernambuco, Recife, 2022.